



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

SOFRIMENTO NO TRABALHO DE SEGURANÇA: UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL

Camila de Araujo Antonio; Sonia Regina Vargas Mansano,
camila_araujo2@hotmail.com; mansano@uel.br

Universidade Estadual de Londrina

Resumo

O presente estudo consiste em analisar, segundo o olhar da Psicologia Social, como a violência e a discriminação estão enraizadas na cultura do nosso país, em parte decorrentes da lógica capitalista de estímulo ao consumo e sua consequente necessidade de proteção sobre bens e pessoas. Adotando uma perspectiva metodológica teórica, será possível compreender, conceitualmente, como a estrutura capitalista colabora para a formação de novas configurações subjetivas, nas quais as relações sociais são mediadas por dispositivos de controle, desenvolvidos tecnologicamente e financiados pelo mercado. Como resultado, constatou-se que a disseminação do medo e a busca por segurança transformaram-se em nicho amplamente explorado pelo mercado, sendo que a cada dia surgem novas categorias de profissionais de segurança privados, que agem em paralelo aos serviços oficiais.

Palavras-chave: segurança; trabalho; violência social; capitalismo.

Inserir aqui o resumo do trabalho.

Introdução

A palavra de ordem nos discursos políticos e sociais da atualidade é segurança. Apesar do debate constante sobre o assunto, nota-se que a violência e, como consequência, a sensação de insegurança, parecem estar aumentando. Foucault (2014) analisa criticamente a interferência do mercado nas organizações sociais e nas formas de poder utilizadas pelo Estado para a contenção da violência. Ele afirma que, por meio do desenvolvimento tecnológico e intelectual, foi elevado o



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

nível econômico de vida das populações e, concomitantemente, multiplicaram-se as riquezas e as propriedades pessoais. Isso acarretou o aumento na desigualdade social e um maior apelo à segurança.

Este trabalho apresentará uma análise psicossocial sobre o sofrimento de trabalhadores vinculados aos serviços de segurança, buscando compreender como os apelos contemporâneos por mais vigilância e controle repercutem nas relações sociais e na saúde destes profissionais.

Procedimentos metodológicos

O presente estudo, de tipo teórico, busca realizar um aprofundamento histórico e conceitual sobre a violência urbana de nosso país e sobre os profissionais contratados para contê-la ou combatê-la. Valendo-se da Psicologia Social e da Psicodinâmica do Trabalho, o estudo procura fazer um diagnóstico do presente, tendo como foco o binômio segurança-insegurança. Para tanto, ele foi dividido em três momentos: Primeiro, é realizada uma análise dos índices de violência retratados nos documentos oficiais elaborados e divulgados por instituições de pesquisa de nosso país. Em um segundo momento, será analisado como a violência tornou-se um nicho de mercado explorado por diversos segmentos institucionais. Por fim, será realizada uma análise sobre a saúde do trabalhador dedicado a essa área de intervenção profissional.

Resultados e Discussão

Quadros demonstrativos elaborados por diversas instituições responsáveis pelos estudos acerca da violência social em nosso país, como o Mapa da Violência (Waiselfisz, 2016), o Atlas da Violência produzido pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2017) e o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, (2017) trazem índices preocupantes. Eles apontam que, durante o ano de 2016, o Brasil registrou 7 pessoas assassinadas por hora, somando um total de 61.283 mortes violentas intencionais. Houve também um crescimento de 4% de mortes em relação ao ano de 2015. Os estados com maiores índices de homicídios por habitantes concentram-se no



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

nordeste brasileiro, sendo as vítimas, em sua maioria, homens jovens e negros, moradores de periferias.

As instituições de segurança foram criadas com o objetivo de proporcionar proteção aos cidadãos. As normatizações colocadas em circulação por meio de instituições disciplinares funcionam como disseminadores de modelos a serem assimilados e internalizados subjetivamente, servindo como reguladores das interações sociais (Baremlitt, 1992). Assim, os profissionais da segurança recebem como tarefa auxiliar na manutenção da ordem e da segurança nos centros urbanos.

Entretanto, de acordo com Hardt e Negri (2004), com a reestruturação produtiva capitalista, os poderes das instituições de regulação social perderam a representatividade e as normatizações passaram a ser reguladas e estimuladas também pelo mercado. Em meio a tal mudança, o mercado explora os sentimentos de insegurança decorrentes da desigualdade social e da violência estrutural, abrindo e ampliando um novo nicho para atuar e lucrar: a segurança tornada mercadoria e serviço.

Ocorre que os trabalhadores ligados às instituições de segurança, em especial as guardas municipais, criadas pela Lei Federal nº 13.022, de 8 de agosto de 2014, sofrem ao tentar corresponder aos apelos idealizados da população por mais segurança, uma vez que estas não são reconhecidas como instituições policiais. Nesse sentido, suas intervenções correm o risco de serem desvalorizadas, pois, na atual racionalidade econômica, o valor do trabalho não é medido somente pela produtividade, mas, sobretudo pelo seu reconhecimento, confiança e legitimidade sociais (Gorz, 2005).

Constata-se, assim, que os trabalhadores da segurança estão frequentemente expostos a diferentes graus e tipos de sofrimento psíquico. Em larga medida, isso se deve ao aumento dos índices de violência, à falta de reconhecimento social do seu trabalho, à dificuldade de expor os resultados de sua atuação e à idealização que cerca o trabalho dos seguranças, estimulada pelas promessas de mercado. Nesse sentido, os estudos da psicodinâmica do trabalho (Lancman & Sznelwar, 2004) tornam-se relevantes para compreender o cenário em questão. Eles postulam a possibilidade de transformar o sofrimento em prazer,



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

desde que a atividade exercida seja marcada pela participação efetiva do trabalhador na organização de suas práticas diárias, na produção de sentidos para as atividades a serem realizadas e no reconhecimento social dos supervisores, pares e comunidade.

Conclusões

Ao final desta pesquisa teórica, chegamos a um diagnóstico parcial sobre como se consolidou e se multiplicou o sofrimento no trabalho dos servidores da segurança. A atividade de segurança, seja ela pública ou privada, encontra-se amplamente atravessada por diversas idealizações. Estas vão desde a expectativa por um controle total da violência até a difusão de mercadorias/serviços relacionados à segurança que prometem uma vida plenamente segura. Apesar de a área de segurança estar em franca expansão, seus profissionais estão longe de corresponder a estas idealizações, o que seria mesmo impossível. Daí as diferentes formas de sofrimento que atinge esse campo profissional.

Diante desse cenário, pode-se concluir que os trabalhadores da segurança estão diante do desafio de, juntamente com outras instituições sociais, combater a sensação de insegurança que assola nosso país, em larga medida disseminada pelas mídias. Também estão diante do desafio de transformar o imaginário social idealizado, atuando no limite do real e das condições de trabalho que lhe são oferecidas pela organização social vigente e pelas instituições de segurança que regulam seu trabalho. Por fim, consideramos que uma análise sobre a violência requer uma abordagem inter e multidisciplinar. Considerá-la apenas no âmbito policial empobrece a análise e colabora para aumentar a gravidade da situação.

Referências

Atlas da Violência. (2017). *A Senasp e as Políticas Estaduais de Segurança*. Ipea e FBSP. Recuperado em 06/12/2017, de: http://ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

Baremlitt, G. F. (1992). *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. Belo Horizonte, Instituto Félix Guattari.

Foucault, M. (2014). *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. *11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. 2017. Recuperado em 06/12/2017, de

http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/12/ANUARIO_11_2017.pdf

Gorz, A. (2005). *O Imaterial: conhecimento, valor, capital*. São Paulo: Annablume.

Hardt, M & Negri, A. (2004). *Império*. Rio de Janeiro: Record.

Lancman, S. & Sznelwar, L. I. (2004). *Chistophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Brasília: Paralelo 15.

Waiselfisz, J. J. (2016). *Mapa da Violência*. Homicídios por armas de fogo no Brasil.

Recuperado em 06/12/2017, de:

http://www.mapadavioencia.org.br/pdf2016_aramas_web.pdf